

O antidiplomata

BRASÍLIA À frente do Itamaraty, Serra promove uma guinada retórica e aprofunda o isolamento internacional do governo

POR ANDRÉ BARROCAL

O tucano José Serra é um chanceler peculiar: pouco diplomático, meio atrapalhado e cheio de ambições eleitorais. Desde que assumiu o posto, dedica-se a atacar a política externa iniciada em 2003 e a pregar uma nova, “jamais” orientada pelos valores de um partido, embora seja o primeiro militante de uma legenda a assumir o cargo em 15 anos. Com sua obsessão por acordos comerciais bilaterais e desdém pelo Mercosul, conseguiu até o momento gerar desconfiança em parceiros estratégicos do Brasil nos últimos tempos, entre eles China e Rússia, a julgar por relatos feitos em suas embaixadas. Enquanto isso, nada de recompensa daqueles aos quais quer atrair o País, Estados Unidos à frente.

No Itamaraty, sua presença gera mal-estar, graças a seu personalismo, ao resgate de embaixadores aposentados, à montagem de uma equipe direta sem integrantes da carreira diplomática e às pistas de que está de passagem para voos mais altos. Pior: incapaz de cumprir a promessa de regularizar as finanças do Ministério das Relações Exteriores, agravou a situação. A quinta-feira 23 registrou a maior greve da história do Itamaraty. Uma rebelião contra o corte de 40% nas férias e no 13º de funcionários e diplomatas de serviço no exterior, determinado pelo Ministério do Planejamento, por motivos jurídicos, com o endosso do chanceler.

“As novidades do Serra são o compromisso de se concentrar em comércio e a

retórica negativa sobre a política externa de Lula e Celso Amorim, o que é estranho, pois com eles o Brasil ganhou projeção”, diz Giorgio Romano Schutte, coordenador do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC. “Guinada retórica de um governo conservador que tende a se alinhar aos Estados Unidos.”

Serra sonha com tal alinhamento, e para tanto não mede esforços. Em nota, o Itamaraty criticou uma moção aprovada pela Unesco sobre o patrimônio cultural em territórios palestinos ocupados por Israel, país fiel aos norte-americanos. Consta que a nota foi redigida pelo próprio ministro, inconformado com o fato de a moção não citar a ligação histórica dos judeus com os territórios. Segundo o informe, se a Unesco não alterar o texto, o Brasil vai rever seu voto pró-moção.

Antes do tucano, a relatoria especial da ONU para examinar o respeito aos direitos humanos nos territórios ocupados quase ficou com um brasileiro. Os candidatos à vaga foram definidos no início de março pelo grupo consultivo do Conselho de Direitos Humanos das Nações

A Chancelaria seria uma escada para nova candidatura à Presidência

Unidas. Um dos cinco integrantes do grupo é a chefe da missão brasileira em Genebra, embaixadora Regina Dunlop. Entre os dez postulantes à relatoria, um brasileiro, Hussein Kalout, professor de Relações Internacionais de ascendência libanesa e hoje pesquisador na Universidade Harvard, nos EUA.

Kalout havia sido indicado por auxiliares de Dilma Rousseff antes do *impeachment*. No dia em que uma lista tríplice seria fechada, despontava como finalista. Ficou, porém, sem o apoio da conterrânea. Por ordem do Itamaraty, Dunlop retirou-se da discussão. Sua ausência mostrou que o governo brasileiro não o respaldava. Tiro fatal em Kalout que resultou em uma situação jamais vista no processo, uma lista tríplice com apenas dois nomes.

Relatos ouvidos por *CartaCapital* indicam que o Itamaraty não tinha interesse na vitória de Kalout por motivos variados. Ele não é diplomata e conquistou apoios sem o aval da corporação. As relações entre Brasil e Israel andavam estremecidas, por causa da recusa de Dilma de aceitar um indicado do governo israelense para embaixador em Brasília. A inexistência de um comando direto da então presidenta, a quem o assunto não foi levado no momento da decisão em Genebra, em meio à luta contra o *impeachment*. A possibilidade de o Brasil disputar outras vagas na ONU.

“O Itamaraty sabotou a indicação, por divergência com o governo Dilma”, afirma o ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão,

NELSON ANTOINE/
FOTOARENA



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 30

Lava Jato. A prisão
do ex-ministro
Paulo Bernardo

O PENSAMENTO VIVO DO CHANCELER

**“NSA,
o que é isso?”**

AO DEMONSTRAR
DESCONHECER A
AGÊNCIA DOS EUA QUE
ESPIONOU LÍDERES
MUNDIAIS

**Diz “bobagem” sobre o
Brasil, “especulando com
as poucas informações
de que dispõem”**

SOBRE A OCDE

**“Um obstáculo
a acordos bilaterais
de comércio”**

A RESPEITO
DO MERCOSUL

**“Jamais” será
orientada por ideais
partidários, mas... “Não
estou na política externa
com o olho de economista.
Eu sou acima de tudo
um militante político”**

SOBRE POLÍTICA EXTERNA

**“Não acho que
vai acontecer...
Não pode acontecer”**

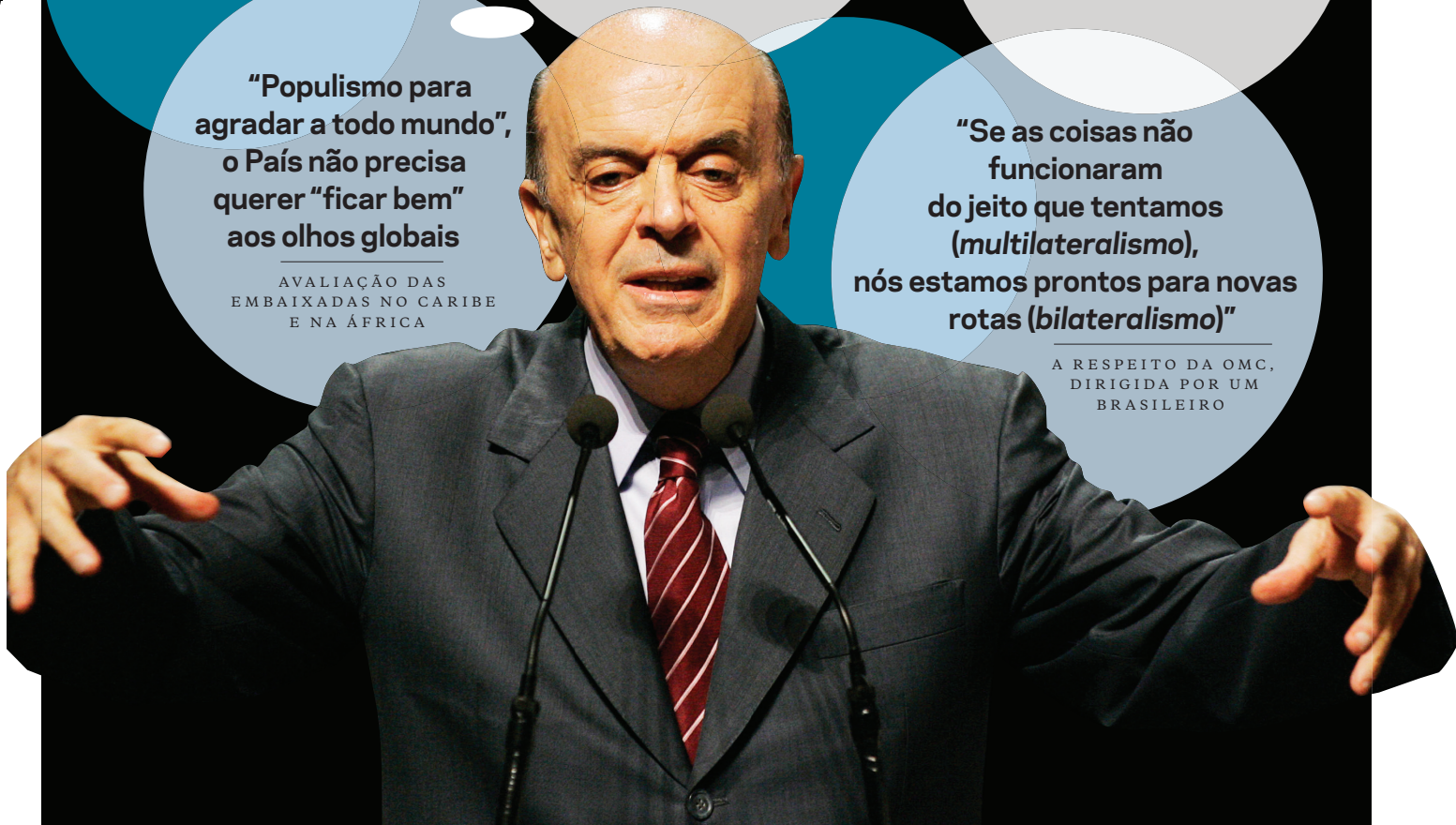
SOBRE UMA EVENTUAL
VITÓRIA DE DONALD TRUMP
NAS ELEIÇÕES DOS EUA

**“Populismo para
agradar a todo mundo”,
o País não precisa
querer “ficar bem”
aos olhos globais**

AVALIAÇÃO DAS
EMBAIXADAS NO CARIBE
E NA ÁFRICA

**“Se as coisas não
funcionaram
do jeito que tentamos
(multilateralismo),
nós estamos prontos para novas
rotas (bilateralismo)”**

A RESPEITO DA OMC,
DIRIGIDA POR UM
BRASILEIRO



Seu País

professor de Direito Internacional Público e antigo chefe de Kalout. “Mauro Vieira e Sergio Danese foram os responsáveis por essa sabotagem, acertaram-se com o governo golpista e foram promovidos.” Procurado, o Itamaraty não se manifestou.

Danese era secretário-geral do Itamaraty até Dilma cair e foi escolhido por Serra para a embaixada em Buenos Aires, posto vistoso na diplomacia nacional. Vieira era ministro das Relações Exteriores até o *impeachment* e foi o único a participar de um ato de transmissão de cargo ao sucessor, talvez pelas ligações com o PMDB do presidente interino Michel Temer. Foi designado para chefiar a missão do Brasil na ONU em Nova York. Fará dupla nos EUA com Sérgio Amaral, novo embaixador em Washington. Portavoza do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Amaral é da confiança do tuacano, razão para ter sido tirado da aposentadoria rumo à valiosa tarefa.

Serra quer relações carnavais com o Tio Sam, do qual se tornou admirador após exilar-se por lá na ditadura. Seria para manter a pureza de sentimentos que ig-



nora o que seja a NSA, a agência norte-americana de espionagem pivô de uma crise entre Dilma e Barack Obama? “NSA, o que é isso?”, perguntou em uma entrevista após assumir o cargo. Ou alegou desconhecimento para fugir de brigas com o império? Se é isso, convém ter cuidado ao comentar assuntos norte-americanos. Diante de uma pergunta sobre a possibilidade de Donald Trump chegar à Casa Branca, saiu-se com esta na *Roda Viva*, programa da TV Cultura, de 6 de junho: “Não acho que vai acontecer... Não pode acontecer”. Mas ele tem crédito em

Punhos de renda. Danese foi premiado com a embaixada em Buenos Aires

Washington. Faz o que pode contra o chavismo e a favor da oposição na Venezuela, a quem acaba de receber em Brasília.

Os EUA também vão trocar seu embaixador no País. Entra Peter McKinley, íntimo de processos de estabilização após passar os últimos anos no Afeganistão, sai Liliana Ayalde, concededora de golpes parlamentares (serviu no Paraguai, quando o presidente progressista Fernando Lugo foi derrubado pelo Congresso conservador). Curiosidade: o chanceler paraguaio, Eladio Loizaga, foi a única autoridade estrangeira a visitar o Brasil de Temer e Serra. Quando chegou para encontrar o chanceler, o notório notívago dormia e teve de ser acordado.

O Brasil experimenta um esboço de isolamento, no embalo de um noticiário global crítico sobre o *impeachment*. No início do mês, o governo francês organizou um debate sobre a Palestina com chanceleres de 28 países, e o brasileiro não foi convidado. A Colômbia prepara





uma comemoração pelo fim das negociações de paz com as Farc, e o País também não foi convidado, embora quisesse. Um eventual isolamento incomoda o chanceler? Não, a julgar pela crítica à abertura de embaixadas no Caribe e na África na era petista, tachada de mera tentativa de “ficar bem” com o planeta.

De todo modo, combater a percepção global de que há um “golpe” no Brasil é uma das missões do tucano. Logo ao assumir, Serra determinou o envio às embaixadas de uma circular com instruções a respeito. O ministro sentiu na pele o que é ter de encarar a “denúncia do golpe”. No início de junho, foi a Paris participar de uma reunião da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), clube de nações ricas do qual o País não faz parte. Um movimento anti-*impeachment* de brasileiros moradores na França, o MD18, enviou ao organismo uma carta na qual acusa Serra de participar do “golpe” e pede o cancelamento da presença dele no evento. Informado, o tucano acionou a polícia lo-

Há um clima de caça às bruxas nunca visto no ministério

cal. Queria reprimir o MD18. Foi parcialmente bem-sucedido e ainda teve tempo de dizer que a OCDE escrevera “bobeagem” sobre o Brasil em um relatório.

Ainda em Paris, exibiu sua obsessão por acordos bilaterais a ponto de constranger o diplomata brasileiro à frente da Organização Mundial do Comércio, Roberto Azevêdo. Diante deste e de alguns ministros, o tucano disse que “a capacidade de a OMC continuar sendo um fórum de negociação relevante ainda está em questão”.

Sua gestão no ministério tem outra dimensão, além da externa. Há pistas de que o cargo é visto como um trampolim para uma sonhada candidatura presidencial. O chanceler tem planos, por exemplo, de reforçar o escritório do Itamaraty

Boicote. O brasileiro Kalout ficou sem apoio para uma relatoria na ONU

em São Paulo, com uma reforma e a ampliação dos cargos de confiança, para as quais pediu estudos. Curiosidade: quando governador paulista, ele expulsou o escritório da sede no Memorial da América Latina. O tucano gosta de ir a São Paulo sob qualquer pretexto, casos de um evento no Tribunal de Contas do Estado e da posse do novo procurador-geral estadual.

Suas ambições políticas têm causado desconforto interno, até por colidirem com as promessas de despartidarização e de valorização dos diplomatas. Na viagem a Paris, o tucano levou no avião oficial uma passageira estranha ao Itamaraty. Gabriela Gatti ocupava um cargo de confiança no gabinete do senador e foi transferida para o ministério, onde pode ficar às expensas do Parlamento por até 90 dias. É uma das auxiliares mais próximas do ministro. Identidade não falta. Na campanha de 2010, Gatti concorreu pelo PSDB a uma vaga de deputada estadual no Paraná. Não surpreende a deputada Geovânia de Sá, tucana de Santa Catarina, ter se sentido à vontade para mandar uma carta ao chanceler com um pedido de emprego de diplomata para um contêrrâneo.

Se aos poucos é cercado por correligionários, Serra quer distância de “petistas”, ao menos daqueles que considera militantes partidários. Seus colaboradores espalham ameaças de caça às bruxas, postura incomum no Itamaraty. Ao menos uma cabeça rolou, a de Milton Rondó, diplomata que chefiou nos governos do PT as ações federais de cooperação internacional no combate à fome. Rondó foi o autor de circulares disparadas a embaixadas no exterior com manifestações contra o “golpe” por trás da derubada de Dilma Rousseff. Foi a primeira vítima de Serra. Pelo padrão do chanceler, não deve ser a última. •